

IDEALIZAÇÕES MODERNAS NA CIDADE DE SALVADOR 1935-1960

Com o advento da industrialização (final do século XIX), as cidades passaram por transformações intensificadas pelo processo de migração campo-cidade, resultando num crescimento que acarretou inúmeros problemas urbanos. Especialistas em planejamento urbano/urbanismo emergem desse contexto. O presente estudo procura identificar e caracterizar os ideais do Urbanismo Moderno formulados para a cidade de Salvador e sua vigência em determinadas experiências no período de 1935 a 1960. Nessa época, o urbanismo apresentou abordagens e práticas distintas. Salvador experimentou, através do EPUCS e do plano do CIA, propostas urbanísticas de vertentes teóricas diferentes: urbanismo culturalista e o progressista.

Introdução

Principal objeto de estudo do Urbanismo, a cidade é muito mais que uma aglomeração de pessoas e construções num determinado espaço físico-territorial. A cidade é dinâmica, palco de intensas relações sociais, econômicas e culturais.

Os problemas urbanos aparecem como cerne de propostas que tentam articular o saber científico a um conjunto de técnicas de intervenção. A problemática da realidade urbana se configura como “problema a resolver” cuja busca por soluções se dá a partir da escolha de determinados princípios norteadores que propiciam visões específicas de cada realidade que, muitas vezes, extrapolam as bases de apoio do discurso urbanístico/planejador.

A importação de modelos formulados na Europa e nos Estados Unidos, principal aspecto recorrente das idéias e práticas urbanísticas presentes no Higienismo do início do século XX, era adotada pelos planejamentos de escala nacional da urbanização brasileira dos anos 70. A constância do saber estrangeiro não se faz sem determinadas adaptações ao universo das questões e representações vigentes na esfera do pensamento social. Isto é um fato, já que nos países centrais a questão urbana emerge como agente transformador inteiramente vinculado à questão social. É necessária uma adaptação dos conceitos importados para que estes sirvam às reais necessidades de cada país.

O presente estudo procura identificar e caracterizar os ideais do Urbanismo Moderno, historicamente formulados para a cidade de Salvador, e sua vigência em determinadas experiências (planos e projetos) nas décadas de 1935 a 1960. O texto segue a seguinte ordenação: na primeira parte, encontra-se um breve histórico

do planejamento urbano no Brasil. Em seguida, o ideário do Urbanismo contido nos planos e projetos para Salvador no período supramencionado.

O recorte no tempo e no espaço se justifica por se tratar de um período expressivo, de introdução do Urbanismo Moderno na Bahia, marcado pela ocorrência da I Semana de Urbanismo de Salvador, em 1935, estendendo-se até a década de 1960, com a entrada do capitalismo industrial na Bahia, fomentado por uma política desenvolvimentista, que proporciona a Salvador e sua região metropolitana experimentarem um período de grandes projetos, como o plano do Complexo Industrial de Aratu (CIA).

A Semana de 35 simboliza uma transição para outro ideário urbanístico que rompe com as formas tradicionais intervencionistas do séc. XIX, centrado no Urbanismo sanitaria e estético-viário de visão parcelar, contrapondo-se a um Urbanismo com visão de conjunto. A concepção teórica do Urbanismo Moderno de 1935 aproxima-se do pensamento do *Town Planning* ou do *Comprehensive Planning* inglês e americano, vertente que se desdobrará no plano do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS), em 1943. Já o ideário urbanístico do plano do CIA aproxima-se do modernismo do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM). A pretensa análise parte do princípio saber-ação, uma das características do discurso do Urbanismo/Planejamento Urbano no estudo da cidade.

Planejamento urbano no Brasil: breve histórico

Tratando-se da história do Urbanismo e do Planejamento Urbano no Brasil, Villaça (1999) define bem três grandes momentos:

- 1875 a 1930 – surgem os planos de melhoramentos e embelezamento, herdeiros da forma urbana monumental, influência renascentista da França de exaltação burguesa; destruição da forma urbana colonial;
- 1930 a 1990 – período marcado pelos planejamentos enquanto técnica de base científica indispensável para a solução dos problemas urbanos; enfoque dado ao zoneamento e organização físico-territorial das atividades no espaço urbano;
- 1990 até a atualidade – reação à ideologia do planejamento como solução dos problemas. Período pós-Reforma Urbana.

Do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, o Urbanismo percorreu etapas distintas: do Urbanismo higiênico e sanitaria ao estético-viário. O Urbanismo era considerado meramente higiênico e sanitário, voltado para a questão da

salubridade, da necessidade de proteger cidades como Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Santos das enfermidades.

O Urbanismo do ponto de vista estético-viário surgiu da necessidade de construir novas capitais adequadas à importância de suas funções cívicas, além da busca por soluções para os problemas de trânsito, problemas de fluidez urbana, sobretudo, com destaque para abertura ou ampliação de vias públicas. Nessa época, destacou-se o trabalho dos engenheiros e médicos no estudo e prática do Urbanismo.

Desde a década de 1930, desenvolveu-se uma visão segundo a qual os problemas urbanos são causados pelo seu crescimento caótico, isto é, sem planejamento, e que a existência de um planejamento integrado com técnicas e métodos bem definidos, seria, indispensável para solucioná-los. O planejamento é visto como a grande solução. Muitos planos tiveram como base de sustentação modelos trazidos de fora do país, os quais se refletiram em padrões que enfocavam o planejamento físico-territorial. A maioria não foi posta em prática.

A partir de 1990, surge um novo tipo de planejamento, com enfoque explícito em defesa dos interesses privados, empresariais, e não o interesse público, coletivo. O que importa é a capacidade da cidade em se tornar pólo de atração de investimentos, oferecendo infra-estrutura adequada e até incentivos fiscais, visando o aquecimento da economia e a geração de empregos.

Segundo Maricato (2001), são abundantes os exemplos de planos e de leis que ficaram no papel, que não são seguidas e exigem uma nova atitude em relação ao planejamento urbano. O que de fato existe é um distanciamento entre teoria (leis) e prática:

A distância entre plano e gestão se presta ao papel ideológico de encobrir com palavras e conceitos modernos e pós-modernos, práticas arcaicas tais como: obras definidas pelas megaempreiteiras que financiam campanhas eleitorais; suas localizações obedecem à lógica da extração de renda imobiliária e do bem-estar da cidade oficial; a política habitacional inexistente ou é constituída apenas por ações pontuais compensatórias. (MARICATO, 2001, p.116)

Do histórico sobre o planejamento e gestão urbanas no Brasil, pode-se concluir que sempre teve caráter conservador. O que define o seu caráter conservador ou democrático é o conteúdo social dessas atividades, que vai depender da aliança de poder que influencia a ação do Estado. Souza (2002) afirma que em uma sociedade capitalista, o planejamento e a gestão tendem a serem conservadores, isto é, a conservar a ordem econômica e política atual, uma vez que o Estado tende a ser controlado pelas classes dominantes.

Teoria e prática urbanística em salvador: 1935 – 1960

Salvador do início do século XX mostra que a constituição do Urbanismo Moderno e do Planejamento Urbano percorreu etapas bem articuladas do processo de desenvolvimento urbano moldado ao capitalismo tardio da região. Sampaio (1999) subdivide esse período em quatro subetapas:

- O sanitarismo e os planos de melhoria marcam o início do século a 1935, com projetos tópicos e setoriais, inexistindo uma totalidade urbana projetada;
- A segunda inicia-se na I Semana de Urbanismo de 35 e se estende até a criação do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS) em 1946;
- A terceira subetapa compreende a fase de desenvolvimento industrial, nas décadas de 60/70, onde Salvador e sua região passam a experimentar a fase dos dois grandes planos, o do Complexo Industrial de Aratu (CIA) e do Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC);
- A última subetapa corresponde ao meado dos anos 70, quando ocorre a metropolização do espaço urbano-industrial fragmentado e onde a elaboração do Plano de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Salvador (PLANDURB) visava a totalidade urbana a partir de um enfoque sistêmico.

O presente artigo abrange a segunda e terceira subetapas. Como já foi dito anteriormente, o recorte espacial e temporal é justificado por considerar a I Semana de Urbanismo de 1935 um marco na história do Urbanismo Moderno da Bahia. A capital da Bahia, em relação a outras capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belo Horizonte, estava defasada, ou seja, lá o Urbanismo já estava instituído e podiam ser consideradas cidades modernas. A partir da década de 40, as demais cidades brasileiras, seguindo o exemplo das duas maiores cidades do país, também produziram seus planos, como Porto Alegre e Salvador (VILLAÇA, 1999). Este estudo inicia-se em 1935 e estende-se até a década de 60, envolvendo o EPUCS e o Plano do CIA.

A I Semana de Urbanismo de Salvador - 1935

Símbolo de transição do Sanitarismo para o Urbanismo Moderno, a I Semana de Urbanismo de 1935 foi uma iniciativa da Comissão do Plano da Cidade do Salvador, com o apoio dos governos municipal e estadual e demais seguimentos da sociedade civil, onde se tratou, dentre os temas principais, do Urbanismo como novo campo do conhecimento e área de atuação, além de instituir um plano global para a cidade.

O Urbanismo foi conceituado pela Comissão do Plano da Cidade do Salvador (1935) como ciência de ordenar e harmonizar os elementos estáticos e dinâmicos da cidade, sendo o plano o ponto central e ideologizado como solucionador dos problemas urbanos. A concepção teórica do Urbanismo Moderno de 1935 aproxima-se do pensamento do *Town Planning* ou do *Comprehensive Planning* inglês e americano, vertente que se desdobrará no plano do EPUCS em 1943.

Na síntese da Semana de 35, encontra-se, dentre outras, recomendações de prioridade de incentivo à organização de vilas e cidades-jardins, de Ebenezer Howard. A visão utópica de Howard foi uma tentativa de resolver os problemas de insalubridade, pobreza e poluição nas cidades. Ele apostava na união entre cidade-campo como uma combinação de vantagens para uma vida urbana repleta de oportunidades e divertimento juntamente com a beleza e os atrativos do campo. Desta união, o movimento das pessoas de cidades congestionadas se daria como um imã (terceiro imã) para uma cidade próxima da natureza, como mostra a figura 1.

A intenção de Howard era criar uma cidade-campo em combinação permanente com dimensões controladas para trinta mil habitantes. A zona agrícola, dentre outras funções, deteria o crescimento populacional. Quando uma cidade atingisse a sua capacidade máxima, novas cidades deveriam ser formadas em torno de uma cidade central de 58.000 habitantes, um núcleo central formando uma constelação interligada por ferrovias e rodovias (figura 2).

As figuras 3 e 4 mostram Letchworth, a primeira cidade-jardim projetada em 1903 com traçado simples e informal, dividida em regiões de 5 mil habitantes, com suas próprias infra-estruturas.

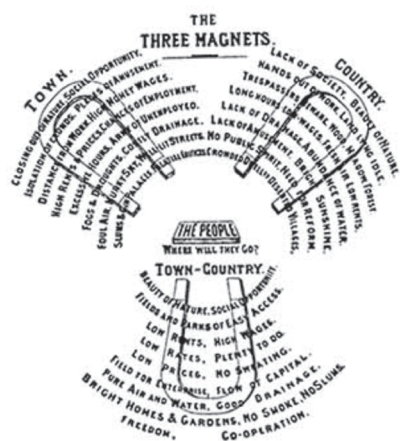


Figura 1- Diagrama de Howard. Os três imãs.
Fonte: Disponível em: <www.lethworthgardencity.net>

Figura 2 - Diagrama de Howard. Planejamento (a cidade não podia ser desenhada até ser selecionado o local).
Fonte: Disponível em: <www.lethworthgardencity.net>



Figura 3 - Letchworth, primeira Cidade-Jardim, início do século XX.
Fonte: Disponível em: <www.letchworthgardencity.net>



Figura 4 - Letchworth, primeira Cidade-Jardim.
Fonte: Disponível em: <www.letchworthgardencity.net>

Embora tenha alcançado um nível de discussão teórica e conceitual amplo, a Semana de 35, segundo alguns estudiosos, foi “muito confusa”, pois concentrou vários discursos para a cidade. O Urbanismo idealizado será concretizado no plano do EPUCS.

O plano do EPUCS

O paradigma moderno, cujos modelos espaciais visam à totalidade para uma “cidade certa”, ganha efetiva incorporação na teoria e prática urbanística com a criação do plano do EPUCS (Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador) em 1943. As recomendações da Comissão do Plano da Cidade do Salvador para a elaboração do plano “grandioso” foram desdobradas nas propostas de Mário Leal Ferreira com o plano do EPUCS.

Sobre Mário Leal Ferreira, Sampaio (1999) afirma que seu pensamento e sua prática sobre o urbano eram basicamente centrados na idéia de um “urbanismo científico” e na visão de cidade como “organismo-vivo” [...] seu discurso encontra correspondências com Patrick Geddes, Burgess, Unwin, etc. numa visão urbanística, com clara opção pelo *Town planning* do ponto de vista teórico-metodológico.

A preparação do plano envolvia conhecimento prévio dos problemas sociais da cidade: os que dizem respeito à localização e distribuição dos vários estratos de sua população (*zoning*), os de saúde, economia, trabalho, habitação, alimentação, educação, interação social e bem-estar (*welfare*). O EPUCS evidencia uma mistura e adaptações de idéias urbanísticas sintetizadas num modelo radial concêntrico (figura 5) favorecendo a circulação urbana e automotiva. Radiais ligando centro-bairro e concêntricas ligando bairro-bairro.

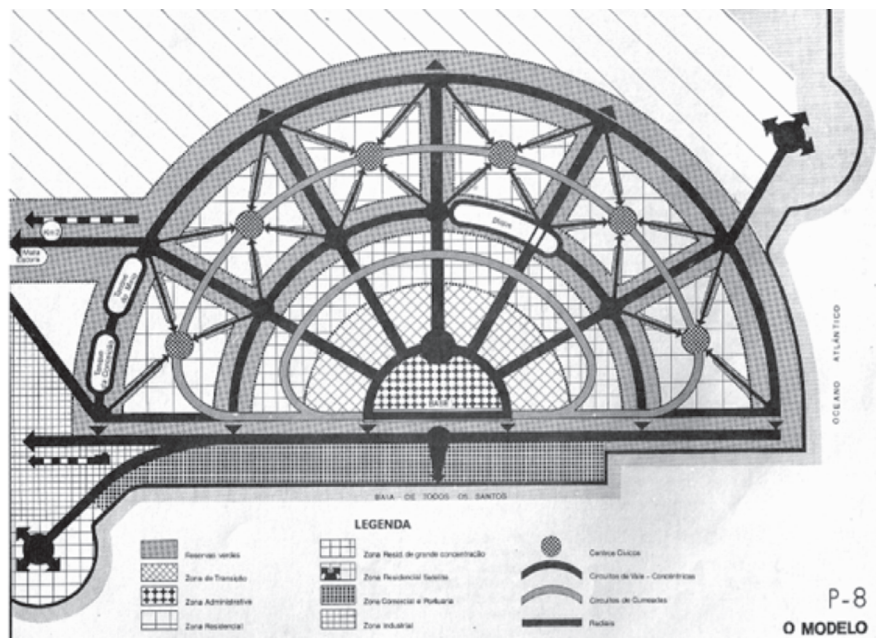


Figura 5 - Modelo Radial-concêntrico.
Fonte: Salvador. Prefeitura Municipal. (1976).

Nesse conjunto de idéias-força, pode-se identificar:

- Influências da Cidade-Jardim (Howard) em vias bordeadas pelo verde-contínuo, exemplificada pela implantação da Avenida Centenário. Outro exemplo foi a proposta para o loteamento Parque Cruz de Aguiar, localizado no bairro do Rio Vermelho.
- Implantação da base de tráfego integrado dos meios de transportes (com semelhanças às formulações de Le Corbusier para centro de cidades) seria o ponto inicial para alavancar renovações urbanas no centro antigo de Salvador.
- O zoneamento evidencia a integração dos conceitos de Burgess (1970), cujo estudo de expansão das cidades é visto como “processo”. Burgess segue a linha de pensamento socioecológica da Escola de Chicago. A figura 6 mostra o modelo de expansão idealizado por Burgess, em zonas concêntricas: comercial, transição, residenciais e de *commuters*. A figura 7 mostra a aplicação do modelo adaptado à morfologia de Salvador, pois como afirma o autor, nem Chicago nem qualquer outra cidade se adapta perfeitamente a este esquema ideal.
- A cidade entendida como um organismo em evolução nos remete a Geddes e sua visão evolucionista ao estudar a transformação das comunidades humanas (CHOAY, 1965).
- Mais um conceito da Escola de Chicago é identificado nas propostas do EPUCS de Mário Leal: unidade de vizinhança. Segundo Park (1925) a vizinhança na organização social e política da cidade é ela a menor unidade local. A vizinhança é uma unidade social que por sua clara definição de contornos, sua perfeição orgânica interna, suas reações imediatas, pode ser justamente considerada como funcionando à semelhança da mente social. No EPUCS esse conceito é adaptado e integrado à proposta do modelo “trevo de quatro folhas”, onde os bairros compõem unidades desse trevo. O modelo trevo de quatro folhas, formado por um centro cívico aglutinador de bens e serviços, uma escola-parque nesse centro e escolas-classe localizadas nas folhas (incorporação dos ideais educacionais do prof. Anísio Teixeira).

A “cidade-certa”, idealizada na Semana de 1935, torna-se uma proposta real no EPUCS de Mário Leal. Como reflexo da matriz de concepção urbanística, Salvador inicia processo de modernização sem ser modernista.

Após quatro anos de trabalho, sem concluir o plano, morre Mário Leal, em 1947. Coube aos membros do EPUCS a tarefa de concluí-lo. Nesse período o EPUCS transformou-se em CPUCS (Comissão do Plano de Urbanismo para a Cidade de Salvador). Em 1948 o EPUCS foi definitivamente extinto. O plano do EPUCS como afirma Villaça (1999) nunca foi divulgado, debatido, operacionalizado, aprovado ou rejeitado. O seu conhecimento tornou-se privilégio para poucos. Fato que endossa as críticas de Villaça:

Evidentemente um plano de que só uns poucos privilegiados tomaram conhecimento ou não foi feito para ser levado a sério, não foi feito para ser executado, ou então sua divulgação seria inconveniente. De qualquer forma esse plano não foi assumido pelo governo municipal. (VILLAÇA, 1999, p. 210)

O Urbanismo Moderno pós-EPUCS resume-se à implantação de avenidas de vale, pouco articulado à visão global da cidade.

O plano do Centro Industrial de Aratu (CIA)

Dentro de uma concepção desenvolvimentista-industrial para a Bahia moderna do pós-50, o plano do CIA contrapondo-se ao EPUCS, evidencia o Urbanismo modernista dos CIAM's (**Congrès Internationaux d'Architecture Moderne**). As propostas do plano do CIA idealizam uma "cidade-industrial-linear", de crescimento ilimitado através de módulos, baseada no princípio funcionalista de Le Corbusier.

É marcante a influência lecorbusiana nas propostas do plano do CIA. Além da Carta de Atenas, fica clara a contribuição da obra de Le Corbusier – os três estabelecimentos humanos – de 1945. Le Corbusier define assim os estabelecimentos humanos: unidade de exploração agrícola, centro industrial linear e o centro radioconcêntrico (figura 6). Distribuídos numa escala territorial em forma de triângulos, cujos vértices eram as cidades radiais concêntricas, os lados eram o centro linear industrial e em seu interior concentravam-se as unidades de exploração agrícola (LE CORBUSIER, 1945).

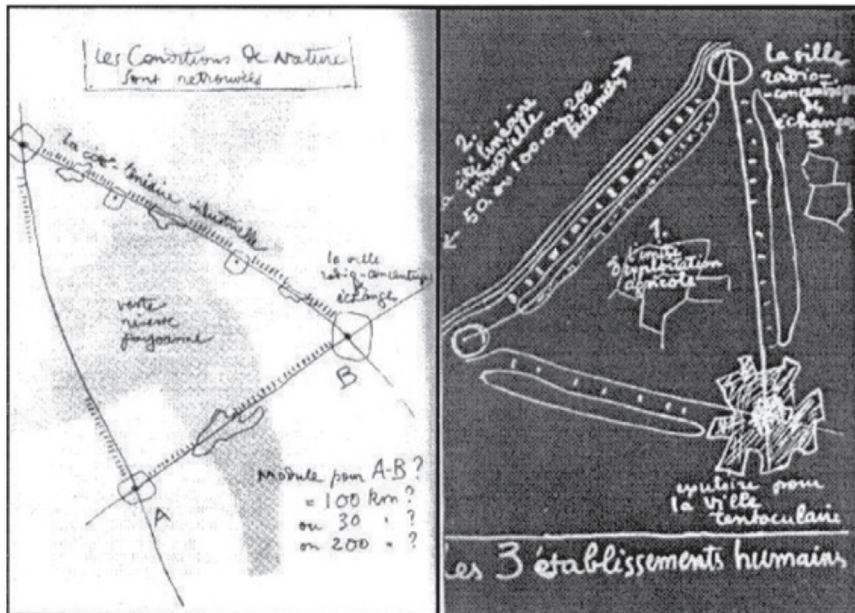


Figura 6: Croqui dos três estabelecimentos humanos de Le Corbusier. Fonte: Le Corbusier, 1945

Le Corbusier pertencente à vertente teórica urbanística classificada por Choay (1965) como progressista, cuja idéia chave é a idéia de modernidade, entendia que arquitetura e urbanismo são indissociáveis. O interesse dos arquitetos progressistas volta-se para as estruturas técnicas e estéticas, descartando os elementos socioculturais e históricos. A cidade moderna deve incorporar os métodos de estandarização e de mecanização da indústria. A sua organização deve dar-se a partir da classificação das funções urbanas, multiplicação dos espaços verdes, criação de protótipos funcionais e racionalização do habitat coletivo (CHOAY, 1965). As necessidades humanas universais definidas nas funções de habitar, trabalhar, locomover-se e cultivar o corpo e o espírito foram discutidas e divulgadas na IV reunião do CIAM e publicadas na Carta de Atenas por Le Corbusier em 1933.

Dentro do movimento moderno surge o movimento modernista, tendo como expoente Le Corbusier. Corbusier considera que o progresso e a tecnologia estão alinhados, o passado deve ser negado, o tempo e a velocidade são elementos essenciais na constituição da cidade moderna, Dentro dessa concepção, Le Corbusier considera que seu projeto de cidade poderia ser aplicado em qualquer lugar, independente da cultura, costumes, clima ou relevo. A cidade moderna apresenta a ordem geométrica e ortogonal. A circulação deve se dá em linha reta, pois “a rua curva é o caminho dos asnos”; a rua reta, “o caminho dos homens”.

O plano do CIA foi elaborado sob coordenação urbanística do arquiteto Sérgio Bernardes, em 1966. O plano envolvia os municípios de Salvador, Simões Filho, Candeias, Lauro de Freitas, Camaçari, Dias D’Ávila, São Francisco do Conde e Itaparica, sem a participação dos prefeitos no planejamento regional, reflexo do período de ditadura militar.

De caráter mais regional do que urbano, ou seja, plano urbano-industrial de escala regional, o plano do CIA é dividido em dois: um plano Diretor ligado diretamente à área industrial e o outro chamado de Complementar, visando a localização de áreas de comércio, recreação, de rede hospitalar, eixo cultural. Segundo Sampaio (1999), o plano global se reparte em dois, um normativo, limitado ao setor industrial produtivo (o CIA), e outro complementar, indicativo, ineficaz.

No desenho da forma urbana do plano do CIA comprovam-se influências lecorbusianas:

- O modelo radial concêntrico (modelo presente na vertente culturalista e progressista) para Salvador, com o centro político-administrativo do centro antigo da cidade deslocado para a região do cabula (antecipação da localização atual do Centro Administrativo da Bahia - CAB) articulado à cidade industrial linear. A área industrial

localizada fora de Salvador, porém ligada a ela como “cabeça-do-sistema” urbano industrial.

- O sistema viário estrategicamente em pontos altos das cumeadas e as vias terrestres nos vales, privilegiando o uso do automóvel articuladas às vias inter-regionais da cidade industrial linear.
- A construção de “fábricas-verdes” é mais uma comprovação dos ideais de Le Corbusier. Essas fábricas foram estabelecidas em áreas com significativa vegetação e com baixa densidade populacional próximas à região de Aratu.
- A habitação dos trabalhadores, seguindo a visão dos CIAM’s, deveria estar localizada o mais próximo possível das áreas produtivas. Os conjuntos habitacionais foram produzidos em série num padrão repetitivo e de baixo custo.
- O zoneamento proposto obedecia aos princípios clássicos funcionalistas da Carta de Atenas de Le Corbusier onde a supressão do traçado das cidades baseado em ruas e quadras, propondo a implantação do zoneamento seletivo, uma divisão de áreas segundo quatro funções (habitar, trabalhar, circular e recrear). Para Salvador foi destinada a função de lazer e turismo, consolidando o seu papel histórico do lugar da não atividade industrial.

Na prática, a maioria das propostas do plano do CIA foi concretizada. A área produtiva industrial foi infra-estruturada. Salvador, na década de 1960, experimenta um significativo processo de expansão horizontal na periferia e vertical nas áreas centrais, legitimado por uma legislação urbanística flexível, onde a configuração espacial passou de monocêntrica para policêntrica. O Urbanismo de caráter urbano-regional obedece aos princípios de Le Corbusier, numa vertente modernista fomentada por uma política desenvolvimentista-industrial, almejando um patamar de desenvolvimento capitalista na região.

Considerações finais

A sociedade industrial é essencialmente urbana. Com o advento da industrialização (final do século XIX), as cidades passaram por muitas transformações intensificadas pelo processo de migração campo-cidade, resultando num crescimento e originando metrópoles e conurbações. Esse crescimento em tamanho e população acarretou inúmeros problemas urbanos. Especialistas em Planejamento Urbano/Urbanismo emergem desse contexto. Surgem então propostas na tentativa de buscar soluções para os problemas urbanos. A fim de se organizar os espaços da cidade, criam-se modelos de desenvolvimento urbano em busca da cidade ideal. No entanto, as

criações do urbanismo são, em toda parte, assim que surgem, contestadas, questionadas (CHOAY, 1965).

Em diferentes períodos, o Urbanismo apresentou abordagens e práticas distintas que se aprimoraram à medida que a sociedade pedia respostas para a sua realidade. No período de 1935 a 1960, Salvador experimentou, através do EPUCS e do plano do CIA, propostas urbanísticas de vertentes teóricas diferentes: urbanismo culturalista e urbanismo progressista.

Sobre esses dois planos, ideologicamente opostos, pode-se inferir que o EPUCS, mistura de várias idéias-força na vertente do *Comprehensive Planning* e do *Town Planning*, apresenta um Urbanismo da continuidade histórica, compreensivo, de visão globalista, ligado ao bem-estar social, com base nos ideais de Patrick Geddes. O plano do CIA, de escala urbano-regional, fundamentado na concepção progressista de Le Corbusier, descarta os elementos socioculturais e históricos, buscando a reprodução do espaço urbano sob uma imagem não condizente com a realidade, tendo a modernidade como processo de ruptura e descontinuidade.

O EPUCS, apesar do falecimento de Mário Leal, foi concluído, porém nunca foi divulgado, integralmente operacionalizado e o seu conteúdo tornou-se de conhecimento restrito, um mito. Em 1976, foi publicada uma síntese do EPUCS pela prefeitura municipal de Salvador. O Urbanismo do bem-estar social, idealizado por Mário Leal, na prática, resumiu-se à implantação de avenidas de vale pouco articuladas à visão global da cidade. Os reais motivos que destinaram ao plano do EPUCS o seu engavetamento jamais foram de conhecimento dos cidadãos soteropolitanos. Em contraponto, o destino do plano do CIA foi bem diferente do EPUCS. A sua concretização está atrelada à entrada (tardia) do capital industrial na Bahia. A cidade ideal funcionalista adapta-se perfeitamente à política desenvolvimentista para a região.

Embora a adequação das propostas do plano do CIA à política do Estado tenha sido ideal, é importante salientar que, nos países hegemônicos desde a década de 1950, o paradigma modernista e os CIAM's eram contestados. A décima reunião do CIAM em 1956 realizada em Dubrovnik chamou-se Team X. O Team X ao escolher como tema o habitat, propôs que nos projetos de arquitetura o homem real substituísse o homem ideal de Le Corbusier. Ideais sociais, conceitos de identidade e crescimento urbano foram debatidos. A cidade passa a ser entendida como uma rede complexa, caótica e não semi-treliça da árvore. O Team X celebra a comunidade. Nesse mesmo período ocorre no Brasil a construção de Brasília, símbolo da arquitetura modernista de Le Corbusier. Uma década depois ainda é forte a influência de Le Corbusier nos projetos arquitetônicos e urbanísticos como foi visto no plano

do CIA. Talvez a falta de força da comunidade acadêmica de Salvador tenha contribuído para tal.

Enfim, o período analisado demonstra que planos e projetos urbanísticos incorporaram princípios teóricos modernos, mas em geral, a prática acaba por desestruturá-los. O que ocorre de fato é uma reestruturação do espaço urbano cristalizado em planos setoriais quase sempre desarticulados dos planos globais idealizados. A descontinuidade temporal entre planejamento e ações pragmáticas cotidianas é um elemento comum entre o EPUCS e o plano do CIA, pois nem sempre o discurso urbanístico prevalece.

As abordagens e práticas distintas do Urbanismo do EPUCS e do CIA evidenciam um saber-ação atrelado a uma aliança de poder que influencia a ação do Estado. O Urbanismo tende a manter a ordem econômica, política e social, uma vez que o Estado tem sempre por trás o viés de controle das classes dominantes.

Joelma Araújo Silva da Palma, formada em Geografia pela Universidade Federal da Bahia e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

Referências

- CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidade**, uma antologia. Perspectiva: São Paulo, 1965.
- BURGESS, E. W. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. In: PIERSON, D. **Estudos de organização social**. São Paulo: Martins, 1970. Tomo I. p. 353-368.
- LE CORBUSIER. **Os três estabelecimentos humanos**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 6-27.
- _____. ; BURGESS, Ernest W. **The City**. Chicago: University of Chicago, 1925. (Heritage of Sociology).
- SALVADOR. Prefeitura Municipal. Órgão Central de Planejamento. **PLANDURB – EPUCS: uma experiência de planejamento urbano**. Salvador, 1976.
- SAMPAIO, Antônio. H. L. **Formas urbanas: cidade real & cidade ideal**, contribuição ao estudo urbanístico de Salvador. Salvador: Quarteto: PPG-AU, 1999.
- SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEAK, Csaba; SCHIFFEER, Sueli (Org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: FUPAM: EDUSP, 1999.